

D 150

ARQUIVO ANA LAGÔA

DOCUMENTO DO ESTADO MAIOR

FA - E - 01/61



✓  
*Brasil* . PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA  
ESTADO-MAIOR DAS FORÇAS ARMADAS

88

+  
CONCEITUAÇÃO DE

- GUERRA INSURRECIONAL
- GUERRA REVOLUCIONÁRIA
- SUBVERSÃO (GUERRA SUBVERSIVA)
- AÇÃO PSICOLÓGICA
- GUERRA PSICOLÓGICA E
- GUERRA FRIA

1.ª Edição

✱ 1961

ESTABELECIMENTO  
GENERAL GUSTAVO CORDEIRO DE FARIA

**PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA**  
**ESTADO-MAIOR DAS FÔRÇAS ARMADAS**

Rio de Janeiro, GB, 27 de julho de 1961.

O Chefe do Estado-Maior das Fôrças Armadas, usando da atribuição que lhe confere o Capítulo III, número 14, letra n, do Regulamento para o Estado-Maior das Fôrças Armadas, a que se refere o Decreto nº 26 607, de 27 de abril de 1949, aprova e recomenda a CONCEITUAÇÃO DE GUERRA INSURRECIONAL, DE GUERRA REVOLUCIONÁRIA, DE SUBVERSÃO (GUERRA SUBVERSIVA), DE AÇÃO PSICOLÓGICA, DE GUERRA PSICOLÓGICA E DE GUERRA FRIA constante da FA-E-01/61.

a) General-de-Exército OSWALDO CORDEIRO DE FARIAS  
Chefe do Estado-Maior das Fôrças Armadas

**DISTRIBUIÇÃO:**

CSN (como informação)

EMA

EME

EMAer

ESG

PARA DOS DEPUTADOS

BIBLIOTECA

DOAÇÃO

**CONCEITUAÇÃO DE**

— GUERRA INSURRECIONAL;

— GUERRA REVOLUCIONÁRIA;

— SUBVERSÃO (GUERRA SUBVERSIVA);

— AÇÃO PSICOLÓGICA;

— GUERRA PSICOLÓGICA; E

— GUERRA FRIA

**1 — INTRODUÇÃO**

1.1 — A doutrina militar francesa enquadra três formas básicas de guerra:

— convencional,

— nuclear,

— subversiva.

Vasta é a literatura militar francesa sôbre a última das três formas de guerra acima. Sob o peso dos acontecimentos na ÁSIA e na ÁFRICA DO NORTE, os pensadores militares franceses tiveram necessidade de se embrenharem no conhecimento desta forma de guerra que, embora possuindo raízes profundas na História, passara a ostentar uma nova fronde, alimentada pela seiva que lhe foi ministrada, principalmente, por Karl Max, Lenine e Mao Tse-Tung.

Essa literatura já constitui uma excelente fonte de estudo e de consulta, mas se ressentida de uma terminologia básica uniforme. Isto vem dando margem a divergências, algumas vezes sérias, entre os referidos pensadores, no que respeita ao tratamento do assunto. E estas divergências transformam-se em dificuldades para quem busca haurir seus ensinamentos.

1.2 — A doutrina militar norte-americana engloba três formas básicas de guerra:

— convencional,

— nuclear,

— não convencional.

A literatura militar norte-americana proporciona poucos ensinamentos sobre a forma de guerra chamada «não convencional», que corresponde ao conjunto das atividades levadas a efeito na frente interna do inimigo, em proveito de objetivos militares, econômicos ou políticos bem selecionados.

1.3 — A doutrina militar russa apresenta duas formas básicas de guerra:

- as revolucionárias ou de libertação,
- as imperialistas.

A forma revolucionária foi elaborada, em suas roupagens atuais, pelos teóricos marxistas-leninistas, o que permite deprender seja farta a literatura militar russa sobre o assunto. Embora enfeixada em grau restrito de acessibilidade, nela têm os pensadores militares franceses sorvido seus conhecimentos.

1.4 — A GRÃ-BRETANHA e a ARGENTINA seguem, em grandes linhas, a orientação sobre o assunto consubstanciada no pensamento francês.

1.5 — No BRASIL, o estudo sobre a «Guerra Subversiva» dos franceses, a «Guerra Não Convencional» dos norte-americanos ou a «Guerra Revolucionária» dos russos acha-se em franca ebulição. Entretanto, o emaranhado de idéias com que o assunto se apresenta na literatura militar mundial vem ocasionando dúvidas e controvérsias terminológicas e doutrinárias que precisam ser dirimidas e eliminadas, para que possa ser alcançada a adequada compreensão do problema.

## 2 — FINALIDADE

A importância de que o assunto se reveste e a verificação das dúvidas e controvérsias existentes em seu tratamento levaram o Estado-Maior das Forças Armadas a elaborar a presente publicação especial, em que estabelece a conceituação de Guerra Insurrecional, Guerra Revolucionária, Subversão (Guerra Subversiva), Ação Psicológica, Guerra Psicológica e Guerra Fria.

Ao formular as aludidas conceituações, à base das idéias-mestras emitidas pelos tratadistas da matéria, o Estado-Maior das Forças Armadas busca propiciar a uniformidade de compreensão e de linguagem que o tratamento do assunto na atual conjuntura está impondo.

A exata consecução desta finalidade aconselha seja evidenciada a origem das idéias que estruturam as conceituações

no presente documento recomendadas. E esta é a razão pela qual o Estado-Maior das Forças Armadas nele incluiu a parte mais relevante do estudo que sobre a matéria realizou.

## 3 — IDÉIAS FUNDAMENTAIS

### 3.1 — DOUTRINÁRIAS

O amplo estudo da literatura militar mundial, particularmente a francesa, permite selecionar alguns autores, cujas idéias conduzem a uma linha de raciocínio esclarecido.

Ao serem esses autores apresentados a seguir, serão pinçados os conceitos por eles enunciados, que constituem os marcos que traçam a linha de raciocínio adotada para a solução do problema.

#### 3.1.1 — CMT BOULNOIE

(«A Guerra Revolucionária» — Mensário de Cultura Militar — nº Especial — Nov/Dez 60)

— Não fala em Guerra Insurrecional.

— Refere-se a duas formas de guerra:

— Guerra SUBVERSIVA,

— Guerra REVOLUCIONÁRIA.

— Adota as definições dadas às referidas formas de guerra em «um documento emitido pelo Estado-Maior das Forças Armadas Francesas, em 1956», e que são as seguintes:

#### — GUERRA SUBVERSIVA

«É a conduzida no interior de um território controlado por uma autoridade de direito ou de fato, considerada como inimiga por uma parte dos habitantes desse território — auxiliados e reforçados, ou não, por elementos do exterior — com o objetivo de retirar daquela autoridade o controle desse território ou, no mínimo, paralisar aí a ação da mesma».

#### — GUERRA REVOLUCIONÁRIA

«É uma doutrina de guerra, elaborada por teóricos marxistas-leninistas e explorada por movimentos revolucionários diversos, para se assenhorear do poder, assegurando progressivamente o controle físico e psicológico das populações com

o emprêgo de técnicas particulares, apoiando-se em uma ideologia e desenvolvendo-se segundo um processo determinado».

— Cada uma das definições acima pode ser assim dissecada:

— **GUERRA SUBVERSIVA**

— **Caráter:** interno.

— **Partidos:**

— uma parte dos habitantes de um território, auxiliada e reforçada, ou não, por elementos do exterior;

— autoridade, de direito ou de fato, que controla o território.

— **Objetivo:** retirar, das mãos dessa autoridade, o controle do território ou, pelo menos, paralisar sua ação.

— **GUERRA REVOLUCIONARIA**

— **Caráter:** interno.

— **Origem:** marxista-leninista.

— **Partidos:**

— movimentos revolucionários diversos (inclusive não-marxista), apoiados em uma ideologia;

— autoridade que detém o poder.

— **Objetivo:** conquista do poder, assegurando, progressivamente, o controle físico e psicológico das populações.

— **Técnicas:** particulares.

— **EXEMPLOS DADOS POR BOULNOIE:**

— **DE GUERRA SUBVERSIVA:**

— a Revolta dos «Camisards»;

— a Guerra da Independência Americana;

— a Guerra da Vendéia;

— a Resistência Francesa;

— a Guerra do Gen MIHAÏLOVITCH, da IUGOSLÁVIA,

contra o ocupante alemão, visando expulsá-lo e restabelecer a dinastia sérvia;

— a Revolta dos Mau-Mau (pelo menos no início).

— **DE GUERRA REVOLUCIONARIA:**

— a Revolução Russa;

— a Guerra da CHINA;

— a Campanha da INDOCHINA;

— a Guerra da ARGÉLIA.

**3.1.2 — DOCUMENTAÇÃO DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA DE PARIS**

— **NOTAS DE 1955/56:**

Estudam a GUERRA REVOLUCIONARIA sob o título geral de GUERRA INSURRECIONAL, abarcando tôdas as guerras pré-comunistas, deste tipo, desde a antiguidade greco-romana.

— **NOTAS DE 1958:**

Passaram a estudar a GUERRA REVOLUCIONARIA sob o título geral de GUERRA SUBVERSIVA, dando a estas duas formas de guerra as seguintes definições (Gen A. Frago, C-55-60, ESG, 1960):

— **GUERRA SUBVERSIVA:**

«É a guerra conduzida no interior de um país, contra a autoridade política instituída (de direito ou de fato), por uma parcela de seus habitantes (ajudados e reforçados, ou não, do exterior), com o objetivo de arrancar daquela autoridade o controle do país ou, pelo menos, paralisar sua ação».

— **GUERRA REVOLUCIONARIA:**

«Doutrina de guerra elaborada pelos teóricos marxistas-leninistas e praticada por movimentos revolucionários diversos, que visam à conquista do poder através do controle progressivo, físico e psicológico, das populações, com a ajuda de técnicas particulares, apoiados numa mística e seguindo um processus determinado».

### 3.1.3 — Cel GABRIEL BONNET

(«Les Guerres Insurrectionnelles et Revolutionnaires» — Payot — Paris — 1958).

— Estudando «As Guerras Insurrecionais e Revolucionárias» que a História registra, «desde a antiguidade até nossos dias», BONNET afirma:

a) — As GUERRAS INSURRECIONAIS abrangem duas grandes famílias:

— As GUERRAS CIVIS, que visam à autoridade nacional estabelecida.

— As GUERRAS DE LIBERTAÇÃO, que se dirigem contra o invasor ou contra um poder estrangeiro estabelecido.

b) — A GUERRA INSURRECIONAL pode, algumas vezes, degenerar em guerra de partisans ou guerrilha.

c) — A GUERRA REVOLUCIONÁRIA é a guerra de partisans associada à guerra psicológica (guerra psicológica + guerra de partisans).

— As GUERRAS INSURRECIONAIS de BONNET são, por dedução, suscetíveis de ser assim dissecadas:

— GUERRA CIVIL: — Caráter: interno.

— Partidos:

— uma parte da população;

— autoridade que detém o poder.

— Objetivo: depor a autoridade que detém o poder ou, pelo menos, impor-lhe condições.

— GUERRA DE LIBERTAÇÃO:

— Caráter: interno.

— Partidos:

— uma parte da população ou toda ela;

— o invasor ou poder estrangeiro estabelecido.

— Objetivo: libertação.

### 3.1.4 — CMT JAYME HOGARD

Um dos autores mais férteis no setor da GUERRA REVOLUCIONÁRIA, declarou em um dos seus trabalhos sobre

o assunto (Coronel AUGUSTO FRAGOSO, «Introdução ao Estudo da Guerra Revolucionária», conferência na ESG, cm 1959):

A GUERRA REVOLUCIONÁRIA é diferente da GUERRA SUBVERSIVA ou INSURRECIONAL.

A GUERRA REVOLUCIONÁRIA é a guerra da revolução, para a conquista do Mundo.

A GUERRA REVOLUCIONÁRIA tem uma doutrina: a marxista-leninista.

A GUERRA SUBVERSIVA tem processos empíricos.

**OBSERVAÇÃO:** Note-se bem a expressão «GUERRA SUBVERSIVA OU INSURRECIONAL».

### 3.1.5 — TEN CEL ÉTIENNE

(«O Exército, a Parada e a Resposta Psicológica» — Revue Militaire d'Information, Jun 60 — Mensário de Cultura Militar, nº Especial, Mar 61).

Neste artigo, o autor introduz novos dados no tabuleiro das idéias, estabelecendo uma nova linha de conceituação, como se verá a seguir:

a) — Quanto à SUBVERSÃO e à GUERRA SUBVERSIVA:

— «A SUBVERSÃO pode ser considerada como uma transferência psicológica, de uma população, de um universo político dado para um universo político diferente».

— «GUERRA SUBVERSIVA — de âmbito local e de cunho tático, opõe-se, por meios insidiosos e clandestinos, à opinião pública dos países a neutralizar e a conquistar, procurando afastá-la, se possível voluntariamente, de seus chefes e de seu governo e levá-la a aceitar, desejar ou sujeitar-se a teses ou atos favoráveis à U.R.S.S.»

— «Para atingir êsse objetivo (transferência psicológica), ela (a subversão) se esforça, num primeiro tempo, no sentido de abalar as bases fundamentais de uma comunidade e, cm seguida, de criar aspirações por uma forma de comunidade totalmente diferente».

— «A realização destas aspirações poderá ser efetuada seja progressivamente, a longo prazo, por mudanças sucessivas e relativamente sem violência, seja, ao contrário, brutal

e rapidamente, segundo uma técnica particular, que é a da GUERRA REVOLUCIONÁRIA».

— «A SUBVERSÃO», para ser eficaz, deve realizar duas condições:

— o enquadramento coletivo e

— a manipulação psicológica.

b) — Quanto à GUERRA REVOLUCIONÁRIA, o autor expõe:

— «A GUERRA REVOLUCIONÁRIA propõe-se à posse do poder, pela força, quando o momento for favorável, em vista de circunstâncias locais ou do grau de evolução política; uma equipe inteiramente afeiçoada aos soviets, ou suscetível de ser forçada a isso, é que, em prazo mais ou menos longo, conduzirá o país considerado à órbita de Moscou».

— «A GUERRA REVOLUCIONÁRIA é uma forma moderna de guerra que, visando aos mesmos resultados procurados pela guerra clássica, mudou os meios para atingi-los».

«A diferença fundamental reside no fato de que as operações de guerra clássica procuram, inicialmente, ocupar o terreno para controlar seus recursos e sua população, ao passo que as operações de GUERRA REVOLUCIONÁRIA propõem-se a chegar à tomada do poder graças à participação da população, conquistada física e moralmente pela coação e por processos destrutivos e construtivos».

— «A GUERRA REVOLUCIONÁRIA é o complemento normal da GUERRA SUBVERSIVA».

c) — Quanto à GUERRA FRIA:

— «De maneira permanente e no quadro mundial, a GUERRA FRIA, de vocação estratégica, propõe-se a fazer pressão, espetacularmente, sobre os dirigentes dos diversos países, com a finalidade de os levar a tomar decisões que facilitem as ambições mundiais dos soviets. Esta pressão é de duplo efeito, pois que objetiva, ao mesmo tempo, agir sobre a opinião pública daqueles países».

— «A GUERRA FRIA é uma luta conduzida sem que tenha havido abertura de hostilidades entre as forças armadas regulares de potências adversárias».

— «Mas é necessário constatar que existem, no Mundo, duas grandes correntes que se opõem, em vista de suas con-

cepções fundamentalmente contraditórias com relação ao homem e à sociedade. Daí resulta um estado de tensão latente que se transforma em germe permanente de agressão; e o detentor de uma das concepções aspira explorar os choques daí advindos, tendo em vista a conquista do Mundo».

— «Este propósito é um dos princípios fundamentais da política soviética, que se propõe impor-se não pela força, mas pela ação psicológica. Esta ação é procurada por todos os meios capazes de conduzir à coação ou de permitir a doutrinação».

### 3.1.6 — CAP ANDRÉ SOUYRIS

(«A Ação Psicológica nas Forças Armadas — Revue Militaire d'Information, Out 58 — Mensário de Cultura Militar, Nº Especial, Mar 61).

Este autor, cujas idéias têm muitos pontos de contato com as do Ten Cel ÉTIENNE, expõe neste artigo:

a) — Quanto à GUERRA REVOLUCIONÁRIA:

— «A GUERRA REVOLUCIONÁRIA ameaça o Mundo Ocidental».

— «A GUERRA REVOLUCIONÁRIA é permanente, o que torna difícil, no Mundo atual, distinguir o estado de paz do de guerra. Estamos permanentemente em guerra, o que explica, de certa forma, os desgastes que o Mundo Ocidental sofre permanentemente».

— «A GUERRA REVOLUCIONÁRIA é total, porque é permanente e afeta populações civis inteiras; é a própria população que representa o motivo e o terreno da verdadeira luta».

b) — Quanto à Ação Psicológica e à Guerra Psicológica:

— «Face à GUERRA REVOLUCIONÁRIA, a AÇÃO PSICOLÓGICA faz parte integrante da Defesa Nacional».

— «As fórmulas de aplicação de AÇÃO PSICOLÓGICA comportam o acionamento de um certo número de meios e processos técnicos modernos de ação coletiva: imprensa, rádio, cinema e processos que se inspiram, simultaneamente, em métodos de pedagogia ativa e métodos de Relações Humanas. Sua principal característica é a de apelar para a participação e a colaboração do indivíduo ao qual elas se dirigem, de expli-

car e fazer compreender os diversos aspectos das questões propostas.

Os objetivos visados são em número de três, a saber:

- informar;
- educar;
- manter o moral.

— «A neutralidade do poder, face a uma subversão (o grifo é do EMFA) que o está minando, conduz a uma degradação realizada em duas etapas:

— 1ª: esquecimento dos valores de nossa civilização, decadência e perda da consciência moral. É dessa forma que a insuficiência ou a ausência da formação cívica levam ao «impatriotismo», ao niilismo, ao egoísmo social, à indiferença, ao materialismo. ...

— 2ª: a conquista da população pelo adversário. Este se apóia numa organização e numa ideologia que afetam os aspectos da vida coletiva. ...»

— «Pela observação destas manobras ... foi que o Ocidente compreendeu a necessidade de assegurar sua defesa; trata-se, em realidade, de uma verdadeira «defesa», que deve ser concebida no quadro da GUERRA REVOLUCIONARIA que lhe é imposta por um adversário perfeitamente cômico de seus «objetivos de guerra».

«Como toda ação defensiva, ela comporta, conforme os ensinamentos da arte militar, dois aspectos:

— um aspecto defensivo; trata-se, aí, da AÇÃO PSICOLÓGICA, destinada a manter o moral das populações e do Exército;

— um aspecto ofensivo; é o que se convencionou chamar de GUERRA PSICOLÓGICA, destinada a minar o moral do inimigo».

— «Entretanto, o desejo de acorrer ao mais necessário, de refazer uma situação comprometida, não deve levar-nos a perigosas confusões. A mais temível e corrente dessas confusões parece ser a que se faz entre AÇÃO E GUERRA PSICOLÓGICA. Quem não percebe que tal confusão só pode servir aos que querem estabelecer a desordem nos espíritos e que ela é testemunha de uma verdadeira intoxicação feita pela propaganda subversiva? (Este grifo é do EMFA).

3.1.7 — CMG EVANDRO B. BELCHIOR, Ten Cel PLÍNIO DA C. DE BARROS E AZEVEDO e Ten Cel Av FRANCISCO BACHÁ — «A GUERRA PSICOLÓGICA» — Conferência realizada na ESG, em 1960.

a) — «A GUERRA PSICOLÓGICA, em sentido geral, pode ser caracterizada como a aplicação de partes da ciência chamada Psicologia à conduta da guerra e, em sentido particular, compreende o uso da propaganda contra o inimigo, utilizando-a de tal maneira que possa complementar as operações militares». (Os grifos são do EMFA).

b) — «A experiência demonstrou, de maneira concludente, que a GUERRA PSICOLÓGICA é uma arma de grande eficácia para diminuir as perdas em vida e em bens materiais. Não substitui a batalha, mas é um meio de combate suplementar (o grifo é do EMFA) que pode facilitar e explorar os sucessos obtidos no campo de batalha».

c) — o Dr. PAULO LINEBARGER, uma das maiores autoridades no estudo da GUERRA PSICOLÓGICA e que exerceu as funções de Chefe do Serviço de Guerra Psicológica no SW do Pacífico, define a GUERRA PSICOLÓGICA como sendo «A SUPLEMENTAÇÃO DAS PRÓPRIAS OPERAÇÕES PELO USO DA PROPAGANDA».

d) — Diz o Maj A. DURIEUX, do Exército Belga:

«Na realidade, todas as guerras, militares, econômicas ou políticas, são GUERRAS PSICOLÓGICAS e são travadas de uma ou outra forma. O objetivo da GUERRA PSICOLÓGICA é destruir a vontade de resistir das forças armadas e da população inimiga. Sendo a vontade de resistir um estado de espírito, a missão da GUERRA PSICOLÓGICA deve ser modificar este estado de espírito do inimigo, a fim de levá-lo a abandonar sua determinação de luta e a reconhecer a derrota como inevitável».

e) — O Cel AVEDON, do Exército dos E.U.A., escreveu: «A GUERRA PSICOLÓGICA — a «4ª Arma» — é uma guerra para a conquista do espírito humano. Em face do imutável da evolução das coisas, talvez não seja estranho supor que, atuando em conjunto com as três outras forças combatentes tradicionais, a «4ª Arma» — a GUERRA PSICOLÓGICA — pode estar ensinando o Mundo a lutar algum dia sem a destruição de vidas». (Os grifos são do EMFA).

f) — O Maj CASSEL, da Aviação dos E.U.A., assim se expressa: «A GUERRA PSICOLÓGICA é a aplicação da ciência psicológica na conduta da guerra, em coordenação com as

operações táticas e estratégicas e dirigida primordialmente no sentido da vitória no campo de batalha. É o emprêgo de idéias e atitudes contra o inimigo, em substituição às armas físicas. Visa a reduzir a vontade e a capacidade de ação e de combate do inimigo, pela criação de novas atitudes e destruição de seu moral». (Os grifos são do EMFA).

### 3.1.8 — GEORGE A. KELLY

(«Guerra Revolucionária e Ação Psicológica» — Military Review — Ed. brasileira — Out 60).

Ao tratar das «ARMAS PSICOLÓGICAS», diz o autor:

«No que tange aos aspectos psicológicos da guerra moderna, os teóricos militares franceses dividem o campo de ação em duas componentes, que rotulam respectivamente *la guerre psychologique* e *l'action psychologique*. Normalmente os dois termos conteriam a dicotomia de «propaganda» oposta à «informação», mas é bem evidente que eles se tornaram confusos e que a propaganda tem precedência nos dois casos. *La guerre psychologique* compreende os elementos de propaganda, revide psicológico e demonstração especificamente dirigidos às forças do adversário e destinados a solapar sua decisão de resistir (os grifos, neste trecho, são do EMFA). Neste sentido, corresponde, em linhas gerais, àquilo que o exército dos E.U.A. chama de operações «táticas» ou de operações «estratégicas» em sua doutrina de psywar.

*L'action psychologique*, doutra parte, abrange os esforços que contribuem tanto para o moral e a lealdade das populações indígenas, quanto a disposição combativa das próprias «forças da ordem» (os grifos são do EMFA). Isto faz lembrar uma mistura, em termos militares americanos, da informação e educação da tropa com o que se chama, em psywar, «operações de consolidação».

## 3.2 — LEXICOLÓGICAS

3.2.1 — Para chegar à exata compreensão do sentido dos vocábulos INSURREIÇÃO, SUBVERSÃO e REVOLUÇÃO, foram consultados os dicionários abaixo:

- (1) — NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA — CÂNDIDO FIGUEIREDO — 9ª Edição — 2 Vol.
- (2) — LELLO UNIVERSAL — 4 volumes
- (3) — ENCYCLOPEDIA E DICIONÁRIO INTERNACIONAL — W. M. JACKSON, INC. — EDITORES

- (4) — DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO BRASILEIRO ALVARO MAGALHÃES — Ed. GLOBO
- (5) — DICIONÁRIO PRÁTICO DA LÍNGUA NACIONAL — J. MESQUITA DE CARVALHO — Ed. GLOBO

3.2.2 — Segundo os dicionários acima, os três vocábulos em questão significam:

### INSURREIÇÃO:

- (1) — Ato de insurgir-se; rebelião.
- (2) — Ato de insurgir-se; rebelião; sublevação.
- (3) — Ação de se insurgir contra o poder estabelecido. Rebelião, sublevação, revolta; levantamento; pronunciamento; bernarda.
- (4) — ...
- (5) — Ato de insurgir; rebelião; revolta contra o poder estabelecido; reação vigorosa.

### SUBVERSÃO:

- (1) — Ato ou efeito de subverter. Revolta, insubordinação.

SUBVERTER: Revolver, voltar de baixo para cima. Destruir. Submergir. Perverter. Arruinar. Revolucionar, pôr em estado de desordem.

- (2) — Ato ou efeito de subverter. Ato ou efeito de destruir, de perturbar. Revolta, insubordinação.
- (3) — Ação ou efeito de subverter. Ação ou efeito de seduzir, de encaminhar alguém para maus fins; perversão moral. Ação ou efeito de destruir, de perturbar completamente. Rebeldia contra a lei, contra a autoridade estabelecida; revolta contra os princípios estabelecidos.
- (4) — Cognato do verbo subverter: destruir (o que está assente). Derrubar. Arruinar. Confundir, perturbar. Desorganizar. Perverter. Afundar, submergir, fazer sogobrar.
- (5) — Ato ou efeito de subverter. Revolta, insubordinação; ato ou efeito de destruir, de perturbar.

## REVOLUÇÃO:

- (1) — Transformação violenta, e mais ou menos rápida, da situação política ou social de um Estado ou de um país.
- (2) — Levantamento ou insurreição política de grande importância e gravidade tendente a modificar, a transformar a Constituição de um Estado, as suas instituições, etc.
- (3) — Ação ou efeito de revolucionar-se; revolta, sublevação. (Diz-se particularmente do levantamento ou insurreição política mais memorável que se dá num país e que estabelece uma ordem de coisas durável e relativamente benéfica: a Revolução Francesa). Mudança na constituição de um Estado ou na opinião pública de um país ou Estado; transformação de suas instituições; alteração ou mudança violenta na política de um país ou nacionalidade.
- (4) — Reforma, transformação, mudança completa. Revolta, sublevação.

SOCIOLOGIA: Movimento social que, partindo da reprovação ou repúdio a uma situação ou sistema existente, provoca seu desaparecimento, substituindo o que havia por um estado novo, seja um estado de espírito ou de coisas.

(5) — ...

## 4 — CONCLUSÕES BÁSICAS

### 4.1 — GUERRA INSURRECIONAL

a) — As GUERRAS INSURRECIONAIS de BONNET identificam-se com a GUERRA SUBVERSIVA do Estado-Maior das Forças Armadas Francesas, cuja definição confere, ressaltadas as diferenças atribuíveis à tradução, com a constante das Notas de 1958, da Escola Superior de Guerra de Paris.

b) — Examinados que sejam à luz dos ensinamentos de BONNET, os exemplos de GUERRA SUBVERSIVA fornecidos por BOULNOÏE (inclusive o do Gen MIHAILOVITCH) confirmam esta assertiva. Poder-se-ia ajuntar muitos outros brasileiros:

- as guerras contra os holandeses;
- as guerras da Independência;

14

— as diversas convulsões intestinas designadas pelo termo geral e antigo de «revolução», como:

- a Revolução Farroupilha;
- a Revolução Republicana;
- a Revolução de 1893;
- a Revolução de 1924 (Coluna Miguel Couto-Prestes);
- a Revolução de 1930;
- a Revolução Constitucionalista.

c) — Aliás, J. HOGARD, ao diferenciar a GUERRA REVOLUCIONÁRIA da Guerra Subversiva, designa esta de «GUERRA SUBVERSIVA OU INSURRECIONAL».

d) — Segundo os dicionários consultados, INSURREIÇÃO significa:

Ato de insurgir-se (contra o poder estabelecido); rebelião, sublevação, revolta; levantamento; pronunciamento; beirrada; reação vigorosa.

Pôsto este sentido em confronto com o de SUBVERSÃO, verifica-se que, embora existam pontos de contato semântico entre os dois vocábulos, o dêste oferece uma constante de diferenciação apoiada nas diversas acepções do verbo SUBVERTER.

e) — Em face da dissecação a que foi submetida a definição de GUERRA SUBVERSIVA do Estado-Maior das Forças Armadas Francesas, sustentada pela ESG de PARIS e por BOULNOÏE, conclui-se que, em português, a designação de INSURRECIONAL torna-se muito mais adequada a esta forma de guerra. Além disto, convém reservar uma designação necessariamente expressiva para o conjunto de ações, jogadas de uns tempos a esta parte no palco da guerra moderna, que buscam a «conquista física e espiritual das populações» visadas, pela destruição das bases fundamentais da comunidade e construção paralela de bases diametralmente opostas.

### 4.2 — SUBVERSÃO (GUERRA SUBVERSIVA)

a) — SUBVERSÃO, de acôrdo com os dicionários consultados é:

Ato ou efeito de subverter. Ato ou efeito de destruir, de perturbar (completamente). Ação ou efeito de seduzir, de encaminhar alguém para maus fins; perversão moral. Revolta

— 15 --

(contra os princípios estabelecidos). Rebelião (contra a lei, contra a autoridade estabelecida). Insubordinação.

SUBVERTER significa:

Reverter, voltar de baixo para cima. Destruir. Submergir, afundar, fazer soçobrar. Perverter. Arruinar. Revolucionar, pôr em estado de desordem. Confundir, perturbar. Desorganizar.

b) — Na doutrina revolucionária marxista, a SUBVERSÃO procura, num primeiro tempo, **subverter** (isto é, destruir, perturbar, desorganizar, submergir, etc) as bases fundamentais de uma comunidade e, em seguida, fazer com que o efeito desta destruição se transforme na aspiração por uma forma de comunidade totalmente diferente. Trata-se, em última análise, do fenômeno que o Ten Cel ÉTIENNE define como «transferência psicológica de um universo político dado para um universo político diferente».

c) — Consoante a técnica particular do processo revolucionário, o objetivo da SUBVERSÃO, englobando seus dois estágios (enquadramento coletivo e manipulação psicológica), é a submissão total (física e espiritual) das massas, cuja consecução é buscada de maneira lenta, progressiva, insidiosa e, pelo menos inicialmente, clandestina e sem violência.

d) — Assim sendo, a SUBVERSÃO identifica-se com as 1ª e 2ª Fases do período pré-revolucionário e podemos dizer, mesmo, que nelas tem lugar. Se a conquista do poder e a radical transformação social e política houverem sido alcançadas ao término deste período, verificar-se-á uma luta em princípio sem violência e sem sangue. No caso contrário — ou porque o período pré-revolucionário não foi coroado de êxito total, ou porque foi julgado necessário e oportuno acelerar a conquista do objetivo final, passar-se-á para o período revolucionário propriamente dito, de luta aberta e de violência em escala crescente.

e) — As idéias doutrinárias acima expostas ajustam-se à interpretação lexicológica que as antecedeu. Aquela luta, em princípio sem violência e sem sangue, que precede à do período propriamente revolucionário, constitui o quadro e o escopo da SUBVERSÃO, ou melhor, de uma nova forma de ação de caráter predominantemente psicológico, a que alguns autores chamam de GUERRA SUBVERSIVA.

#### 4.3 — GUERRA REVOLUCIONÁRIA

a) — De conformidade com os dicionários compulsados, REVOLUÇÃO, no sentido de movimento violento de massa, quer dizer:

Transformação violenta, e mais ou menos rápida, da situação política e social de um Estado ou de um país. Levantamento ou insurreição política de grande importância e gravidade tendente a modificar, a transformar a Constituição de um Estado, as suas instituições, etc. Mudança na constituição de um Estado ou na opinião pública de um país ou Estado; transformação de suas instituições, alteração ou mudança violenta na política de um país ou nacionalidade. Reforma, transformação, mudança completa.

Observe-se neste conjunto de acepções a constante de **mudança, de transformação, de alteração de substituição e, sobretudo, de violência** que encerram.

b) — A significação deste vocábulo enquadra-se com justiça à doutrina de guerra «elaborada pelos teóricos marxistas-leninistas» constantes da definição de GUERRA REVOLUCIONÁRIA do Estado-Maior das Forças Armadas Francesas, cujo objetivo final é a conquista do poder e a transformação radical e violenta da situação política e social dos Estados ou países visados.

c) — A GUERRA REVOLUCIONÁRIA é, pois, a moderna forma de guerra que, na atual conjuntura, está sendo imposta aos países do bloco ocidental. Ela completa a «tomada de posse das pessoas físicas e a conquista dos espíritos» e, assim apoiada na população **subvertida**, trata de substituir as autoridades, pela força, e implantar uma nova ordem social e política antagônica à anteriormente existente.

Em seu todo, conseqüentemente, ela abrange dois períodos distintos:

— o **pré-revolucionário**, ou de **subversão**, em que busca, mediante a aplicação de meios predominantemente psicológicos, a conquista física e espiritual da população visada;

— o **revolucionário propriamente dito**, ou de **operações**, no qual o objetivo é a conquista total do poder, com a participação ativa da população subvertida, através da aplicação da violência em escala crescente.

d) — A interpretação lexicológica do vocábulo REVOLUÇÃO; a adequação, como foi visto anteriormente, do nome de GUERRA INSURRECIONAL dado aos movimentos intestinos

graves, de caráter interno e sem interferência de uma ideologia extremista; a propriedade da designação de GUERRA REVOLUCIONÁRIA ao processo revolucionário examinado no presente subparágrafo; e, ainda mais, o consenso praticamente unânime dos tratadistas da matéria, no que respeita a esta denominação, constituem os fatores fundamentais em que o Estado-Maior das Forças Armadas se apóia para atribuir a esta forma de guerra o nome de GUERRA REVOLUCIONÁRIA.

#### 4.4 — AÇÃO PSICOLÓGICA E GUERRA PSICOLÓGICA

a) — Há que aceitar a incontestável interferência da Psicologia no quadro da guerra moderna. E isto se impõe, porque:

— «Vivemos no seio de uma civilização técnica, dominada por elementos materiais, mas, na qual, em contraposição, é preciso mais do que nunca levar em conta o HOMEM»;

— «se até nossos dias a guerra era essencialmente um meio de coação física, já agora ela se tornou um meio de coação psicológica»;

— «a evolução do Mundo contemporâneo levou a conferir um papel primordial às massas e a dar aos dirigentes o imenso poder de atuação representado pelas técnicas modernas de condução dos homens, que invadem todos os domínios sociais e políticos».

b) — Seja qual fôr a forma básica de guerra, sempre haverá homens combatendo outros homens e, conseqüentemente, nela a aplicação de ações psicológicas estará sempre presente. Este é o quadro amplo da intervenção da Psicologia nos domínios da guerra, que se pode fazer sentir antes, durante e depois das operações militares. Por isto mesmo, muitos autores dão a este quadro amplo, geral, a denominação de GUERRA PSICOLÓGICA.

c) — Reina a confusão entre esta GUERRA PSICOLÓGICA de sentido geral e a GUERRA PSICOLÓGICA de sentido particular, mais restrito, que compreende o uso da propaganda contra o inimigo, de tal forma empregada que possa complementar as operações militares.

A GUERRA PSICOLÓGICA de sentido geral transformou-se na «4ª Arma», que faculta a conquista do espírito humano. É bem de ver que a palavra «ARMA» tem aqui a acepção de «FORÇA», isto é: Terrestre, Naval, Aérea e PSICOLÓGICA.

Isto pôsto, para evitar confusão com a GUERRA PSICOLÓGICA de âmbito mais restrito (a que objetiva minar o moral das populações e das tropas inimigas) faz-se conveniente denominar a GUERRA PSICOLÓGICA de sentido geral, ou «4ª ARMA», de FORÇA PSICOLÓGICA, a exemplo da designação dada às demais Forças, segundo o meio em que atuam. A denominação de GUERRA PSICOLÓGICA ficará, assim, adstrita apenas àquele tipo de Guerra Psicológica de sentido restrito.

d) — É necessário estabelecer, então, a diferença entre AÇÃO PSICOLÓGICA e GUERRA PSICOLÓGICA, de vez que constituem dois aspectos distintos de emprego da FORÇA PSICOLÓGICA.

A AÇÃO PSICOLÓGICA (expressão substantiva em que a palavra «AÇÃO» entra com a semântica que lhe é conferida na expressão, por exemplo, «AÇÃO CATÓLICA», da Igreja Católica) corresponde ao emprego da FORÇA PSICOLÓGICA no sentido:

— da população amiga em geral, com a finalidade de fortalecer sua consciência política, de impedir que esqueça os valores morais que estruturam a sociedade em que vive, de lhe fornecer meios eficientes de autodefesa individual e coletiva, face à ofensiva da Subversão ou da Guerra Psicológica que sobre ela se desencadear;

— das tropas amigas, objetivando fortalecer seu moral e torná-las invulneráveis à ofensiva da Guerra Psicológica levada a efeito pelo inimigo. Trata-se, em síntese, da AÇÃO PSICOLÓGICA DEFENSIVA de que fala SOUYRIS.

A GUERRA PSICOLÓGICA é a AÇÃO PSICOLÓGICA OFENSIVA a que o autor aludido se refere, isto é, aquela em que a FORÇA PSICOLÓGICA atua no sentido do inimigo (população em geral e forças armadas), como complemento à ação das demais FORÇAS, tendo em vista minar seu moral, enfraquecer sua vontade de lutar através da inoculação do desânimo e do desespero, obter o desequilíbrio espiritual de seus líderes civis e militares, destruir, neutralizar ou reduzir sua capacidade combativa, de tal forma que a vitória possa ser alcançada pelo menor custo possível.

Verifica-se, assim, que a FORÇA PSICOLÓGICA atua em época de paz nominal ou real (muitos autores consideram que estamos vivendo uma época de paz apenas nominal) por meio da AÇÃO PSICOLÓGICA, para criar uma barreira aos efeitos da SUBVERSÃO (GUERRA SUBVERSIVA) e reconquistar os objetivos porventura perdidos; em época de guerra decla-

rada, ou de vias de fato, ela atua, também por intermédio da **AÇÃO PSICOLÓGICA**, para obter os mesmos resultados, mas, agora, face às acometidas da **GUERRA PSICOLÓGICA**.

#### 4.5 — GUERRA FRIA

a) — Os autores que abordam a questão da Guerra Fria — dentre os quais, dada a coincidência de idéias, foi selecionado apenas o Ten Cel ÉTIENNE — são unânimes em conferir a êste aspecto do conflito permanente que se desenvolve entre o Oriente e o Ocidente as seguintes características:

— Âmbito: mundial.

— Agentes: potências líderes dos blocos antagônicos.

— Meios utilizados: os mais diversos, inclusive a luta armada de caráter limitado, menos a abertura das hostilidades entre as forças armadas das potências líderes.

— Finalidade: exercer pressão de duplo efeito — sobre os dirigentes do bloco antagônico e sobre as respectivas populações.

— Vocaçào: estratégica.

b) — A «vocaçào estratégica» a que os autores aludem precisa ser bem entendida, por isso que, segundo parece, é aquela que se situa nos domínios da Estratégia Geral, definida por EDWARD EARLE como sendo: «Arte de aplicar os recursos de uma Coligaçào de Nações, inclusive suas forças armadas, com a finalidade de promover, efetivamente, a consecuçào de seus interesses vitais, assegurando-os contra quaisquer inimigos reais, potenciais ou simplesmente presumíveis».

c) — A «aplicaçào do recursos de uma Coligaçào de Nações» pode revestir-se das mais diversas formas, de vez que todos os meios capazes de exercer aquela pressão de duplo efeito são válidos nesta espécie de luta.

d) — A pressão, no sentido de facilitar a «consecuçào dos interesses vitais» em jogo, compreende ações e reações levadas a efeito, direta ou indiretamente, pelas potências líderes das coligações antagônicas, as quais, embora executadas sob o denominador comum do fator psicológico, podem comportar a irrupção de um «ponto quente», com o caráter de ação militar local ou guerra limitada.

e) — Em qualquer caso — e isto precisa ser acentuado como característica preponderante — na **GUERRA FRIA** as forças armadas principais não chegam a entrar em choque,

em luta aberta, já que todos os meios são válidos, salvo o da abertura das hostilidades numa guerra declarada entre as coligações antagônicas.

#### 5 — CONCEITUAÇÕES RECOMENDADAS

Baseado nas conclusões acima, o Estado-Maior das Forças Armadas recomenda as conceituações que se seguem:

##### 5.1 — GUERRA INSURRECIONAL

É a guerra interna que obedece a processos geralmente empíricos, em que uma parte da população — auxiliada e reforçada, ou não, do exterior, mas sem estar apoiada em uma ideologia — empenha-se contra a autoridade (de direito ou de fato) que detém o poder, com o objetivo de a depor ou, pelo menos, forçá-la a aceitar as condições que lhe forem impostas.

##### 5.2 — GUERRA REVOLUCIONÁRIA

É a guerra interna, de concepção marxista-leninista e de possível adoção por movimentos revolucionários diversos que — apoiados em uma ideologia, estimulados e, até mesmo, auxiliados do exterior — visam à conquista do poder através do controle progressivo, físico e espiritual, da população sobre que é desencadeada, desenvolvendo-se segundo um processo determinado, com a ajuda de técnicas particulares e da parcela da população assim subvertida.

##### 5.3 — SUBVERSÃO (GUERRA SUBVERSIVA) (\*)

É o conjunto de ações, de âmbito local, de cunho tático e de caráter predominantemente psicológico, que buscam — de maneira lenta, progressiva, insidiosa e, pelo menos inicialmente, clandestina e sem violência — a conquista física e espiritual da população sobre a qual são desencadeadas, através da destruição das bases fundamentais da comunidade que integra, da decadência e da perda da consciência moral, da falta de fé em seus dirigentes e do desprezo às instituições vigentes, levando-a a aspirar uma forma de comunidade totalmente diferente, pela qual se dispõe ao sacrifício.

##### 5.4 — AÇÃO PSICOLÓGICA

É o conjunto de ações, de âmbito local, de cunho tático, de tipo defensivo e de caráter predominantemente psicológico,

(\*) Corresponde ao estágio pré-revolucionário da Guerra Revolucionária, a que alguns tratadistas conferem a designação de GUERRA SUBVERSIVA.

desenvolvidas nos diversos campos da esfera governamental, tendo em vista: de um lado, enrijecer a formação moral e cívica da população, fortalecer sua consciência política, aglutiná-la aos seus dirigentes e às suas instituições, fornecer-lhe meios eficientes de autodefesa individual e coletiva face à ofensiva da Subversão ou da Guerra Psicológica que sobre ela se desencadear; de outro, robustecer o moral das tropas amigas, tornando-as invulneráveis aos efeitos da Guerra Psicológica.

#### 5.5 — GUERRA PSICOLÓGICA

É o conjunto de ações, de âmbito local ou geral, de cunho tático ou estratégico, de tipo ofensivo e de caráter predominantemente psicológico, que complementam as operações militares, objetivando: de um lado, minar o moral da população inimiga, enfraquecer sua vontade de lutar, pela inoculação do desânimo e do desespero, obter o desequilíbrio espiritual de seus líderes civis e militares e incutir, naquela e nestes, a ideia de derrota honrosa como a melhor solução; de outro, destruir, neutralizar ou, pelo menos, reduzir a determinação e a capacidade combativa das tropas inimigas, de tal forma que a vitória venha a ser alcançada pelo menor custo possível.

#### 5.6 — GUERRA FRIA

É o conjunto de ações e reações que se situam no âmbito mundial e nos domínios da Estratégia Geral, levadas a efeito, direta ou indiretamente, pelas potências líderes de coligações de nações antagônicas, cujas relações são mantidas em permanente estado de tensão, mediante a utilização, à base do fator psicológico, dos mais diversos meios, inclusive o apoio, velado ou não, a focos isolados de luta armada, com a finalidade de exercer pressão sobre os dirigentes da coligação antagônica, no sentido de que adotem decisões que facilitem a consecução dos interesses vitais em vista, bem como sobre a opinião pública respectiva, tendo em vista a criação, em seu seio, de um ambiente psicológico favorável à concretização desses interesses, tudo sem a abertura das hostilidades entre as forças armadas principais.